

O "ETERNO INSTANTE"
NA POESIA DE CECÍLIA MEIRELES

Nelly N. Coelho

"Falar contigo. Andar lentamente falando
com as palavras do sono (as da infância, as da morte)
Dizer com claridade o que existe em segredo.

Ir falando contigo, e não ver mundo ou gente.
E nem sequer te ver — mas ver eterno o instante.
No mar da vida ser coral de pensamento."

(Solombra, p. 17)

"...ver eterno o instante." Extraordinária, a fidelidade a si mesma que a preciosa palavra poética de Cecília Meireles mantém, através dos anos. Conduzidos pela magia de sua linguagem simbólica, avançamos pelas veredas densamente poéticas da sua recente **Solombra**, encontrando a cada passo a já conhecida alma de poeta que se nos havia revelado numa longínqua **Viagem**, dizendo: "Eu canto porque o instante existe." (p. 10). Em **Solombra** (essa mágica fusão de Sol e Sombra que nos atrai estranhamente) persiste aquela "acordada memória, esta planta crescente // com mil imagens pela seiva resvalantes, // noite vegetal que é a mesma noite humana." (p. 51). Aqui como em seus outros livros, persiste a "imprevista memória" que mantém Cecília em íntima comunhão com o Tempo sempre eterno, sempre vivo nas almas, com todo o pesado fruto das experiências vividas através dos séculos:

Não há passado
nem há futuro.
Tudo que abarco
se faz presente." (Mar Absoluto, p. 44).

De 1919 (quando estreou com **Espectros**, sonetos de sabor parnasiano) a 1963, longo e fecundo tem sido o caminho per-

corrido pela nossa poetisa; caminho que aí está, todo juncado de livros marcados por um transcendental lirismo, que interroga a existência em seu significado essencial, no-lo desvendando através de sua vidência poética.

Notável é o fato de que, desde sua primeira aparição, em plena renovação modernista, Cecília Meireles tenha revelado o seu “tonus” de poesia autêntica, equilibrada, pouco permeável às influências circunstanciais. Lembremo-nos de que foi em meio à eferescência revolucionária da segunda década do século, que surge ela no panorama literário nacional, apresentada pelo grupo de escritores espiritualistas que, no Rio de Janeiro, entre 1919 e 1927, através das revistas “América Latina” (1919); “Árvore Nova” (1922); “Terra de Sol” (1924) e “Festa” (1927) lutavam, paralelamente ao grupo paulista, por uma renovação em nossas letras. (1)

A êles uniu-se Cecília Meireles, sem dúvida atraída por afinidades de temperamento, pois, ainda que renovadores, os escritores da corrente espiritualista buscavam uma transformação despida do extremismo e do caráter revolucionário do Movimento Modernista paulista, iniciado em 1922. Não aceitavam êles a anarquia revolucionária dêstes, seu total desligamento com o passado literário e o caráter exageradamente nacionalizante do Movimento.

Segundo podemos deduzir das palavras de um dos líderes dêsse grupo, Tasso da Silveira, o que basicamente repudiavam êles era justamente aquêle vandalismo inicial, aquela atitude demolidora e intencionalmente escandalosa que, com o amadurecer do Movimento, foi desaparecendo. Assim, numa severíssima reprovação aos processos revolucionários usados pelos modernistas paulistas, aquêle líder acusava-os de terem feito, não um “ambiente de arte de pensamento, de espiritualidade”, mas sim de “burrice, de escárneo estéril, de licencioso deboche, de despreocupação das altas e puras meditações, de desprezo pelo trabalho da inteligência, de influxos deletérios

(1) — Péricles E. da Silva Ramos, “O Modernismo na Poesia” in *A Literatura no Brasil*, v. III, t. I. Direção de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959 (p. 563).

sôbre nossa formação mental, de íntima desvalorização de nossa alma de povo, de desprestígio de nossa língua saborosa, de bolchevicação geral.” (2)

Evidentemente injustos e extremados na interpretação do nôvo Movimento literário, reivindicavam os espiritualistas uma renovação mais equilibrada e talvez mais de natureza ideológica do que formal: uma literatura fundamentada no “pensamento filosófico”, na “tradição cultural”, na “brasilidade” e na “universalidade”. No tocante à solução formal, aceitavam os metros tradicionais usados pelos parnasianos, bem como o verso livre dos simbolistas; o artista era livre para adotar o ritmo que melhor se ajustasse à expressão de sua mensagem poética, e dentro dessa liberdade é que se podia avaliar a verdadeira arte do poeta.

E afirmavam que “se as velhas normas do verso caíram, a Lei do verso persiste. Se os ritmos antigos foram abandonados foi para que surgissem novos ritmos. (...) A arte desta hora exige formidáveis condensações interiores para que o verso, livre dos mortos ritmos — venha com ritmo. (...) Não houve barreiras aluídas. Houve barreiras que cresceram para o céu...” (3) Esclarece Darcy Damaceno que “a aproximação entre Cecília Meireles e os jovens congregados em torno de Tasso da Silveira e Andrade Murici, embora não implicando compromisso de ordem doutrinária, delineava a feição espiritual de sua arte, inspirada em elevado misticismo, e acentuava a comunhão de juízos literários, expressa na admiração por Cruz e Sousa e pelos poetas simbolistas.” (4)

Conhecendo, pois, essa filiação estética de Cecília Meireles, podemos compreender o fato de que, em plena efervescência do Movimento Modernista, tivesse sido ela apontada, por muitos, como uma das faces renovadoras da poesia, muito embora a sua poesia não se revestisse daquela ruptura com

(2) — Tasso da Silveira — *Definição do Modernismo Brasileiro*. Rio, Ed. Forja, 1932 (p. 53).

(3) — *Idem* — *op. cit.* (p. 56).

(4) — Darcy Damaceno — “Poesia do Sensível e do Imaginário” in *Obra Poética de Cecília Meireles*. Rio, Ed. Agullar, 1958 (p. XI).

o passado, daquele espírito polêmico que caracterizou os novos daquela fase de frenética libertação artística. O que encontramos desde o início no estilo fluido de Cecília é o eco das “claridades clássicas”, como o disse Manuel Bandeira, são “as melhores sutilezas do gongorismo, a nitidez dos metros e dos consoantes parnasianos, os esfumados de sintaxe e as toantes dos simbolistas, as aproximações inesperadas dos superrealistas. Tudo bem assimilado e fundido numa técnica pessoal, segura de si e do que quer dizer.” (5)

Esplêndida é a variedade de formas poéticas oferecidas por sua poesia: sonetos, quadrinhas, romances, redondilhas, baladas, etc. e rica, a multiplicidade de versos e de rimas reinventados pela sua arte. Note-se o crescente e severo apuro da sua forma poética revelado em **Solombra**; coleção de vinte e oito poemas, desenvolvidos na sinuosa métrica do alexandrino e estruturados rigidamente em 13 versos cada um, divididos em quatro tercetos e um verso sôlto final. No entanto, apesar dessa forma aparentemente rígida e limitadora, que de leveza e fluidez emana dessa poesia... Mesclando admiravelmente o antigo e o nôvo, a nossa poetisa desdobra um amplo campo lírico, perfeitamente entrosado com o Movimento literário moderno.

Porém essa sua atitude estética não foi inicialmente compreendida por todos e chegaram alguns a acusá-la de fraqueza e de indecisão poética, como o fêz Agripino Grieco, quando, numa demonstração de total incompreensão do valor poético que nascia com a poetisa, afirmou que surgira “a vacilar entre o parnasianismo e o simbolismo, a Sra. Cecília Meireles. Mas a Sra. C. M. é pouco original, por isso que imitadora dos que aqui imitam Leopardi e Antero. Cópia de cópia, e já enfraquecida, como as reproduções de água-forte do número 10 em diante.” (6) O que não percebera o mordaz espírito crítico de Agripino Grieco foi que o que êle tachava de “cópia”

(5) — Manuel Bandeira — **Apresentação da Poesia Brasileira**. Rio, G. E. B. 2a. ed., 1946 (p. 156).

(6) — Agripino Grieco — **Evolução da Poesia Brasileira**. Obras Completas, v. 2, 3a. ed. Rio, José Olympio, 1947 (p. 56).

barata não era senão uma identidade de atitude diante do mistério cósmico que aproximava a nova poetisa dos dois torturados poetas citados: Leopardi e Antero. Entretanto essa identidade de anseio quase agônico é só o que podemos perceber de semelhante entre os três, pois a maneira pela qual cada um o expressa revela-se única e personalíssima, impedindo tôda e qualquer possibilidade de confusão.

Assim, pois, desde sua aparição, em seu livro mais representativo, **Viagem** (1929/1937) até o seu recente **Solombra** (1963), passando por **Vaga Música** (1942), **Mar Absoluto** (1945), **Retrato Natural** (1949), **Canções** (1956) e **Romanceiro da Inconfidência** (1953), para falarmos apenas nos principais, Cecília Meireles segue uma trilha poética tôda sua, adotando desta ou daquela estética literária aquilo que mais fundamente contribuisse para o enriquecimento de sua arte, continuamente empenhada em atingir a perfeição.

E' interessante notarmos que, a despeito de não seguir a linha iconoclasta do modernismo paulista, o seu valor poético foi de imediato captado pela intuição aguçada de um dos mais revolucionários mentores do movimento: Mário de Andrade, que reconheceu desde logo que "dentro de sua grande técnica, eclética e enèrgicamente adequada, se move a alma principal de Cecília Meireles." (7)

Pois é bem isso que sentimos na poesia ceciliana: sua alma debruçada numa arte autêntica, viva, perfeitamente integrada no Espírito Moderno que, no dizer de Graça Aranha, via na "arte a realização da nossa integração no cosmos, pelas emoções derivadas dos nossos sentidos, vagos e indefiníveis sentimentos que nos vêm das formas, dos sons, das côres, dos tacto, dos sabores e nos levam à unidade suprema com o Todo Universal." (8) E assim através de seu largo caminho poético, a poetisa vai tornando realidade as renovações pretendidas pelo grupo a que se filiara, grupo que procurava a "defi-

(7) — Mário de Andrade — *O Empalhador de Passarinhos. Obras Completas*, v. XX, São Paulo, Livraria Martins Editôra, 1946 (p. 139).

(8) — Graça Aranha — *O Espírito Moderno*. São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1924 (p. 12).

nição das tendências profundas do temperamento, a fim de que a vontade consciente precipite as cristalizações latentes.” (9)



E é realmente a tendência profunda de seu temperamento o que nos dá Cecília em sua mágica, severa e humana poesia, desvendando as “cristalizações latentes” de seu espírito aberto em tôdas as direções do humano, desde as mais singelas expressões da vida até as mais complexas reflexões existenciais.

“Entre mim e mim, há vastidões bastantes
para a navegação dos meus desejos afligidos.

Descem pela água naves revestidas de espelhos
Cada lâmina arrisca um olhar, e investiga o elemento que
[a atinge.”

(Viagem, p. 99)

Aceitamos a interpretação de Pfeiffer, quando diz que a grande virtude da verdadeira poesia é a de revelar o Ser da Existência, não como algo pensado e concluído, mas sim, como algo que se vive. (10) E’ esta a imediata sensação que nos transmite a poesia de Cecília Meireles, plena de significado e de intensa comunicação com o leitor. Sua visão do mundo é ampla e rica; sua temática humaníssima, e através de tôdas as impressões da vida seu espírito vigilante impõe indagações essenciais e ansiosas, cujas respostas a poetisa procura, embora nem sempre logre alcançar. Seu pensamento poético trabalha sem cessar com a matéria cósmica, sabendo que a sua procura e as respostas captadas são o que realmente importa.

“Como trabalha o tempo elaborando o quartzo,
tecendo na água e no ar anêmonas, cometas,
um pensamento gira e inferno e céu modela.

(9) — Tasso da Silveira — Op. cit. (p. 23).

(10) — Johannes Pfeiffer — La Poesía. 3a. ed. México, Fondo de Cultura Económica, 1959.

Brandamente suporta em delicados moldes
enigmas onde a noite e o dia pousam como
borboletas sem voz, doce engano de cinza.”

(Solombra, p. 33).

Romântica pelos impulsos afetivos essencialmente doadores e generosos; simbolista pelo pudor com que desvenda seus sentimentos, mística às vêzes, Cecília aparece-nos sempre mais subjetiva do que realista, apesar da acuidade sensorial com que percebe a realidade plástica das coisas.

“Por que pensar em qualquer coisa,
se tudo está sôbre a minha alma:
vento, flôres, águas, estrêlas,
e músicas de noite e albas?

Nos céus em sombra, há fontes mansas
que em silêncio e esquecida bebo.
Flui o destino em minha bôca
e a eternidade entre os meus dedos...”

(Vaga Música, p. 56).

Tudo é visto e sentido em tôda a plenitude de sua aparência, mas transfigurado pelo halo poético que os envolve. Esta intimidade profunda com as coisas do mundo, introjetando no espírito da poetisa aquelas eternas presenças cósmicas, liga os seus versos ao substrato mais vital da poesia: o sentido e o sentir do TEMPO, que com sua dimensão metafísica e inevitável é, sem dúvida alguma, a grande fôrça-motriz do verso ceciliano.

Perfeitamente sincronizada com as indagações mais empolgantes de nossa época. Cecília Meireles revela essa preocupação temática que, realmente, desde fins do século XIX vem galvanizando artistas e pensadores, forçando-os a se debaterem na ânsia de explicar ou de captar a essência do TEMPO, em cujo âmago colocam as raízes da tragédia íntima do Homem.

Difícil ser-nos-ia apontar de onde vieram as reais influências no pensamento e poesia de Cecília Meireles, e é mesmo possível que não tenham sido diretas, mas sim captadas do

“clima” geral. De qualquer modo, o que fica de positivo é que sua poesia revela o fluir da mesma corrente vital e especulativa, que atribui à arte a missão de captar a essência do momento fugaz e eternizá-lo. Poesia é “palavra no tempo”, dizia o poeta Antônio Machado, para quem a poesia não era “Ni mármol duro y eterno // ni música, ni pintura, // sino **palabra en el tiempo.**” (11)

E não é isto mesmo que a cada momento nos diz a nossa poetisa? Não é isto que nos dizem as palavras de abertura de seu livro **Viagem**?

Pousa sôbre êsses **espetáculos infatigáveis**
uma sonora ou silenciosa **canção**:
flor do espírito, desinteressada e efêmera.

Por ela, **os homens te conhecerão**
Por ela, **os tempos versáteis saberão**
que o mundo ficou mais belo, ainda que inútilmente,
quando por êle **andou teu coração.**”

(**Viagem**, p. 9).

“Ver eterno o instante” pelo milagre da poesia; no mutável “mar da vida” ser um “eterno coral de pensamento” marca decisivamente a “intemporalidade” da poesia cecilianiana. Só os grandes poetas conseguem, como Cecília Meireles, partir da **circunstância** e alçar vôo para as eternas regiões do transcendente, sem perder o contacto com as realidades simples da vida. Note-se, por exemplo, na série de brevíssimas estrofes, “Jogos Olímpicos”, do livro **Canções**, onde, focalizando as figuras do “Trapezista,” do “Nadador” ou do “Equilibrista”, é traçada subjetivamente a sua significação mais profunda. A “intemporalidade” é, assim, uma das constantes da poesia de Cecília, mostrando-nos quão agudamente mergulha ela na comunicação com a Vida, com o Cosmos, e msua visão mais ampla e total.

(11) — Antônio Machado — **Poesias Completas**. Buenos Aires, Espasa-Calpe. 4a. ed.

“Eu vim de infinitos caminhos,
e os meus sonhos choveram lúcido pranto
pelo chão.

(...)

E os que vierem depois, pelos caminhos infinitos,
do pranto que caiu dos meus olhos passados,
que experiência, ou consólo, ou prêmio alcançarão?”

(Viagem, p. 154).

Procurando penetrar mais fundo em sua essência poética, sentimos que, embora ali o conflito entre a instantaneidade e a eternidade não seja a agonia entre a ânsia de perdurar e o morrer, como em Leopardi, Antero ou Unamuno, sua poesia está impregnada de intensa emoção de Tempo.

“Desenrolei de dentro do TEMPO a minha canção...”

(Viagem, p. 31).

O Tempo, um dos mais puros alentos da lírica de Cecília, mede-se, diante do momento fugidivo, pela fluidez da realidade e pelo sereno fatalismo do fim.

“Irmão das coisas fugidias
não sinto gôzo nem tormento

(...)

Sei que canto. E a canção é tudo.

Tem sangue eterno a asa ritmada.

E um dia sei que estarei mudo:

— mais nada.”

(Viagem, p. 10).

Ante a “fugacidade do tempo”, já apontada pela crítica como a “mola mestra do lirismo ceciliano” (12), sente-se que a atitude da poetisa não é a daquela barroca avidez vital, mas antes de melancólica e compreensiva aceitação. O tempo, a vida são fugazes, fluentes, fugidivos, entretanto a poetisa nêles se integra familiarmente; ela tóda como que se dilui no tempo passado, presente, futuro, eternizando assim em si mesma a Presença da Vida que passa.

(12) — Darcy Demaceno — Op. cit. (p. XVI).

**“NÃO MAIS A PESSOA: o interstício do tempo
habitado por ela,
outrora, quando a presença era visível e esquecível.**

A memória padece
nesse lugar, que pertencia a algum destino,
pelas coisas estranhas
e no entanto banais que representam a existência.”

(**Retrato Natural**, p. 131).

E' este o aspecto de sua poesia que mais profundamente revela a integração da artista no Espírito Moderno. Esse perscrutar agudo da Vida que flui, essa procura de apreensão da essência vital em sua inexorável mutação nunca foi tão imperativa como agora no homem moderno. E' possível que seja a intelectualidade exacerbada do homem de nossos dias a causa dessa agônica interrogação que marca a literatura deste século. Na verdade, o intelecto jamais cantou, como já lembrou alguém, nem é essa a sua missão; porém êle aponta à poesia o caminho de sua essência, pois não pode haver poesia verdadeira sem uma visão do **essencial**. Assim, talvez possamos dizer que o poeta moderno, mais que o do passado, adota consciente ou inconscientemente uma filosofia existencial em que o Tempo adquire um valor quase absoluto. Esperança, temor, angústia, inquietude, solidão, resignação, impaciência e outras atitudes, cantadas pelo Poeta, são evidentes sinais do Tempo em seu espírito e também revelações do Ser à sua consciência humana.

“Sem que se mova a minha mão
nem se incline a minha cabeça
nem a minha bôca estremeça,
— **tôda serei recordação.**”

(**Viagem**, p. 28).

Em Cecília Meireles, essa profunda integração no Tempo, sentido como o “eterno instante”, já é percebido a partir da linguagem poética escolhida. Sem pretendermos entrar no domínio da análise estilística, o que transporia os limites deste ensaio, não podemos deixar de apontar a sugestão poética

provocada pela fluidez das palavras selecionadas e pela inesperada aproximação que a poetisa estabelece entre elas.

Tudo, nesta poesia cecilianiana, é expresso em imagens fluidas, instáveis, denotando sempre algo que resvala, escapa, foge, escorre. “Água”, “mar”, “oceano”, “ondulação”, “arrulho”, “vento”, “nuvem”, “sonhos”, “sombra”, “ausência” “silêncio”, “brisa”... a lista seria longa, e toda ela levar-nos-ia a verificar a quase ausência de elementos totalmente concretos, compactos, ou melhor, de imagens isoladas com contornos nitidamente plásticos. A plasticidade do mundo exterior, quando expressa por Cecília, parece diluir-se numa atmosfera de interpretação do “interior” com o “exterior”, numa harmoniosa mescla de imagens visuais, auditivas e olfativas. Notemos, por exemplo, em “Excursão”:

“Estou vendo aquêlê caminho
cheiroso da madrugada:
pelos muros, **escorriam**
flôres moles, da orvalhada;
na côr do céu, **muito fina**
via-se a noite acabada.

Estou **sentindo** aquêles **passos**
rente dos meus e do muro.

As **palavras** que escutava
eram **pássaros** no escuro...
Pássaros de voz tão clara
voz de desenho tão puro!

Estou pensando na **folhagem**
que a chuva deixou **polida**:
nas **pedras**, ainda **marcadas**
de uma **sombra umedecida...**”

(Viagem, p. 18)

Que de poesia brota dessa mescla de imagens! Dessa fusão de elementos que, na realidade, não só estão apartados, como ainda são inaproximáveis: “flôres que escorrem”, “côr fina”, “palavras que são pássaros”, “pássaros com voz de desenho puro”, “folhagem polida”, “sombra umedecida”... Se tentássemos traduzir o que nos diz essa harmoniosa e emotiva ima-

gética em linguagem comum, haveria fatalmente uma perda total de emoção, pois o que ali está dito, só assim com tais palavras e tais imagens pode despertar-nos emoção poética. E isso porque o jôgo lingüístico, na poesia de Cecília, (como na dos verdadeiros poetas...) não é veículo de descrições definidas e exatas que possam ser diretamente analisadas. Ele passa a reproduzir o reflexo das coisas através da sensibilidade poética que as transfigura liricamente. E as imagens fluem, resvalam, escorrem, como a Vida... como o Tempo...

Em “Anunciação” temos outro sugestivo exemplo, entre centenas, dêsse constante acabar... êsse findar do humano e êsse renascer no Além, de que está impregnada a poesia ceciliana.

“Cessará essa música de sombra, que apenas indica valo-
[res do ar.
Não haverá mais nossa vida, talvez não haja nem o pó
[que formos
E a memória de tudo desmanchará suas dunas desertas,
e em navios novos homens eternos navegarão.”

(Viagem, p. 14)

A fôrça sugestiva das imagens dá-nos constantemente essa sensação de integração total no ciclo da Vida, que inalteradamente se repete através dos séculos. Às coisas mais simples, aos espetáculos mais prosaicos, a nossa poetisa superpõe, constantemente, o problema existencial do “depois” da vida; problema que o seu espírito parece já ter encontrado a resposta. Daí a contenção e a serenidade de seus versos. Vejamos, por exemplo, o paralelismo de significações latentes no “Nadador”:

“O que me encanta é a linha alada
das tuas espáduas, e a curva
que descreves, pássaro da água!
E’ a tua fina, ágil cintura,
e êsse adeus da tua garganta
para cemitérios de espuma!
E’ a **despedida, QUE ME ENCANTA,**
quando te desprendes ao vento.
fiel à queda, rápida e branda.

**E apenas por estar prevendo
longe, na eternidade da água
sobreviver teu movimento...**

(Canções, p. 62).

Temos aí uma perfeita alegoria: a visão airosa e leve do salto do nadador ao imergir na água e, paralelamente a ela, a visão do nosso salto no além, ao ultrapassarmos as fronteiras da vida. A “despedida” a “encanta” apenas porque tem certeza de que oculto aos seus olhos pela massa de água, o nadador continua “seus movimentos”... Assim também nós, ocultos pelo véu do mistério do Além, estaremos vivendo a vida da Eternidade. Não há, como vemos, angústia ou desespero nessa constatação do processo contínuo de nascimento e morte, há antes a aceitação tranqüila e algo melancólica do mundo tal qual é...

**“Desde o TEMPO sem número em que as origens se
[elaboram
se estendem para mim os teus braços eternos.**

(...)

**Tu bem sabes que sou uma chama da terra
que ardentes raízes nutrem meu crescer sem têrmo:
adestrei-me com o vento, e a minha festa é a tempestade.”**

(Viagem, p. 116).

*

* * *

Creemos que é principalmente a essa extraordinária capacidade de integração em mundos idos, em experiências, dores, alegrias, ânsias longinquamente vividas, que deve o **Romanceiro da Inconfidência** o seu maravilhoso clima de realidade, encanto e veracidade emotiva.

Do esquecimento ingrato do passado, Cecília arranca para a luz do dia o episódio da Inconfidência, enriquecendo o seu valor histórico com todo o complexo de lendas e personagens guardadas pela tradição popular. Transfigurado pelo poder mágico da poesia, o episódio histórico revive gloriosamente, em todo seu heroísmo e valor humano, através da recomposi-

ção de seus “rostos” e de suas “almas” já quase esquecidos pela ingratidão dos homens.

“Aqui, além, pelo mundo,
ossos, nomes, letras, poeira...
Onde, os rostos? onde, as almas?
Nem os herdeiros recordam
rastro nenhum pelo chão.”

(Romanceiro, p. 13).

Penetrada de real amor à nossa terra e à nossa gente, Cecília Meireles nos conduz através dos labirintos da história e das lendas brasileiras e nos faz reviver o Passado; conviver com os ídos heróis ou covardes, porém sem a frialdade do catálogo histórico.

Paisagens, homens e fatos de ontem revivem em seu **Romanceiro**... com todo um clima de “presente”, de coisa próxima a nós. Temos mesmo a impressão de que Cecília não pretendia dizer-nos “como” as coisas aconteceram, mas sim, fazer-nos conviver e sofrer com elas e, acima de tudo, amá-las, pois são coisas da nossa terra, do nosso passado, tradições de cujas raízes nos forjamos.

“Vencendo o tempo, fértil em mudanças
conversei com doçura as mesmas fontes,
e vi serem comuns nossas lembranças.
(...)
Tudo me fala e entendo: escuto rosas
e os girassóis dêstes jardins, que um dia
foram terras e areais dolorosas,
(...)
Escuto os alicerces que o passado
tingiu de incêndio; a voz dessas ruínas
de muros de ouro em fogo evaporado.”

(Romanceiro, p. 19).

E' o eterno drama humano que se desenrola em seus versos, simbolizado nos homens e feitos da Inconfidência: a ambição, a generosidade, o amor, o ideal, a traição, o ódio são daquele e de todos os tempos. Por uma extraordinária inversão de perspectiva, o pequeno se agiganta e o grande diminui, den-

tro da visão ceciliana das nossas coisas passadas. O árduo trabalho dos obscuros escravos que arrancaram as riquezas do nosso solo surge em tôda a plenitude de seu valor humano; a ação exploradora e ambiciosa dos poderosos senhores aparece desnuda em sua mesquinhez e ainda a figura humilde do nosso Tiradentes, símbolo do homem generoso e bom, se alça numa grandiosidade sem par, diante da injustiça humana.

“Vou trabalhar para todos!
— disse a voz no alto da estrada.
Mas o eco andava tão longe!
E os homens, que estavam perto,
não repercutiam nada...”

(Romanceiro, p. 111).

O próprio episódio da Inconfidência, desdenhado e desprezado pelos nossos historiadores, como de pouco valor em pre-nunciar a nossa Independência, tem reabilitado seu brilho de valor autêntico e injustiçado.

“Dizem que saiu dessa casa
com uma crisólita na mão.
(...)
Trazia de volta essa pedra
que não pôde ser lapidada.
(...)
Caminhou por ali acima,
sòzinho, veemente, calado,
com sua crisólita fria
que tinha dentro um sol fechado.
(...)
Quando se fala nela, a sombra
desfaz-se como cerração.
E a luz bate no rosto
do homem que a levava na mão.”

(Romanceiro, p. 219).

Pela magia poética dessa simbologia, certificamo-nos de que o ideal que empolgou os conspiradores mineiros era, queriam ou não seus detratores, uma esplêndida “crisólita”, um “dourado diamante sem jaça” que fulgura até hoje, malgrado o tempo e a ingratidão dos homens.

Com o seu **Romanceiro**... Cecília nos oferece uma revalorização do passado, do trabalho duro e inglório do escravo negro ou índio que rasgaram as entranhas da terra e mostraram à luz a riqueza que move homens, nações, destinos.

“Mil bateias vão rodando
sôbre córregos escuros;
a terra vai sendo aberta
por intermináveis sulcos:
infinitas galerias
penetram morros profundos.
De seu calmo esconderijo,
o ouro vem, dócil e ingênuo:
torna-se pó, fôlha, barra,
prestígio, poder, engenho...
E’ tão claro! — e turva tudo!
honra, amor e pensamento.”

(**Romanceiro**, p. 29).

Com que profunda simplicidade êsses versos põem a nu a eterna tragédia da Ambição humana! Vemos que no século XVIII ou XX o ciclo da Vida é o mesmo, repete-se numa constância espantosa. Ontem, Hoje, Amanhã: três momentos que entre si diferem apenas pela perspectiva do ângulo em que nos colocamos. E’ esta a sensação que nos transmite a poesia de Cecília: começamos com o mundo e prosseguiremos com êle; a eternidade não é algo que virá um dia, ela é algo que existe em nós, que sempre existiu e sempre existirá. E’ sem dúvida isto o que crê a nossa poetisa, tão perfeitamente integrada, como se mostra a cada instante, nos fenômenos naturais do Cosmos.

“Minha família anda longe,
com trajos de circunstância:
uns converteram-se em flôres,
outros em pedra, água líquen;”

(**Romanceiro**, p. 85).

“Tão pouco somos, — e tanto causamos,
com tão longos ecos!
Nossas viagens têm cargas ocultas,
de desconhecidos vínculos.”

(**Mar Absoluto**, p. 22).

“Levai-me aonde quiserdes!
— aprendi com as primaveras
a deixar-me cortar e a voltar sempre inteira.”

(*Mar Absoluto*, p. 105).

E’ difícil resistir ao apêlo das citações que se oferecem tão cheias de significados. Interessante seria a pesquisa em profundidade da “filosofia existencial” de Cecília através de sua obra poética. Sua procura do “próximo” como companheiro de jornada e a constante solidão que a acompanha nos dão, talvez, a medida de sua descrença numa possível comunhão de amor entre os homens, o que viria suavizar de muito o áspero caminhar pela Vida.

“O que amamos está sempre longe de nós:
e longe mesmo do que amamos — que não sabe
de onde vem, aonde vai nosso impulso de amor.
O que amamos está como a flor na semente,
entendido com medo e inquietude, talvez
só para em nossa morte estar durando sempre.”

(*Solombra*, p. 31).

“Se existe a tua Figura
se és o Sentido do Mundo
deixo-me, fujo por ti,
nunca mais quero ser minha!
(...) — Mas
Ando contigo — e sôzinha,
Vivo longe — e acham-me aqui...
(...)
Que eu sou gôta de mercúrio
dividida,
desmanhada pelo chão...”

(*Vaga Música*, p. 27).

À procura de “comunhão” (com o Próximo ou com Deus?) se desenrolam os seus caminhos. “Gôta de mercúrio” espalha-se pelo mundo, pelas coisas, pelas lembranças, pelo futuro, eis bem o que é a alma generosa de Cecília Meireels. Abarcando tudo em sua larga e maternal compreensão, dando-se tôda numa oferta de amor desinteressado e encontrando-se sempre frente a frente com a “solidão humana”, — a verdadeira raiz da

agonia que assalta e destrói o Espírito do Homem de ontem, de hoje, de amanhã.

Onde estaria a solução? Difícil seria dizê-lo. O indispensável é que acreditemos numa “hora clara”, para podermos suportar o pêso da solidão de agora.

“E’ preciso que exista, enfim, uma **hora clara**
depois que os corpos se resignam sob as pedras
como máscaras metidas no chão.
Por entre as raízes, talvez se veja, de olhos fechados,
como nunca se pôde ver, em pleno mundo,
cegos que andamos de iluminação.”

(**Mar Absoluto**, p. 137).

“Esperemos o embarque, irmão.

(...)

Não sofra por teres vindo.
Alguém nos mandou de longe
para ver como ficava
um rosto humano banhado
de desilusão.”

(**Retrato Natural**, p. 43).

“Que grande sossêgo, sem falas humanas,
sem o lábio dos rostos de lobo,
sem ódio, sem amor, sem nada!
(...)

Nós estaremos na morte
com aquêlê suave contôrno
de uma concha dentro da água.”

(**Retrato Natural**, p. 22).

Eis, pois, Cecília Meireles: fascinante poesia que vai cantando por entre “rios de assombro” e oferecendo-nos com severa pureza a “glória das palavras restituídas a seu mistério de alma íntimo e cálido!”. Poesia mágica e preciosa que nos ensina a suprema lição:

“Humildade de amar só por amar. Sem prêmio
que não seja o de dar cada dia o seu dia
breve, talvez; límpido, às vêzes; sempre isento.
Ir dando a vida até morrer.”

(**Solombra**, p. 17).

Ir dando a vida como se o nosso “instante” fôsse eterno...

BIBLIOGRAFIA DE CECÍLIA MEIRELES USADA NO PRESENTE
TRABALHO

Viagem. Lisboa, Editorial Império, 1939.

Vaga Música. Rio, Pongetti, 1942.

Mar Absoluto e Outros Poemas. Pôrto Alegre, Ed. Globo, 1945.

Retrato Natural. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1949.

Romanceiro da Inconfidência. Rio, Livros de Portugal, 1953.

Canções. Rio, Livros de Portugal, 1956.

Canções. Rio, Livros de Portugal, 1956.